

Primeira parte

Pessach

(A passagem por cima)



---

Hoje, 14 de março de 1966, faço quarenta anos. A data não me irrita, nem me surpreende. Isso não quer dizer que eu esteja preparado para ela. Apenas, recebo-a sem emoção, sem tédio. Sinto-me suficientemente maduro para aceitá-la com honestidade e coragem, mas não estou pronto, ainda, para assimilá-la como um fato de rotina, inexorável. A prova disso — de que lhe dou importância talvez exagerada — é que estou preocupado com ela.

Tudo corre bem. Não tenho amigos nem dívidas — duas coisas que incomodam. Laura portou-se com dignidade, renunciou à pensão que eu lhe pagava, antes de casar outra vez. Meus livros vendem bem, dá para manter um padrão de vida simples e confortável. Os críticos não chegaram a um acordo sobre aquilo que com alguma imodéstia poderia chamar de “minha obra”. Mas isso é problema deles.

Se tivesse coragem de começar a vida novamente, é possível que não repetisse alguns enganos e acertos, mas, de qualquer forma, gostaria de repetir esta disponibilidade em que estou agora, no vértice da outra metade. Há otimismo em chamar de *metade* os quarenta anos. Dificilmente chegarei aos oitenta, mas a *metade* talvez não seja cronológica, e sim intemporal, interior. Pelo menos, é assim que me sinto. Ainda que morra amanhã, essas vinte e quatro horas deverão ser densas, densas como as passas estragadas são densas de açúcar. Há equilíbrio na vida e esse equilíbrio é que a torna monótona.

O verão acabou, mas o calor persiste. O aparelho de ar refrigerado despeja no quarto um hálito gelado, sinto-o pesado sobre meu corpo. Poderia levantar-me e desligá-lo, prefiro prolongar esta dormência. Quando Teresa vem dormir

comigo, ela pede que o desligue na hora de trepar. Diz que só pode amar suando um pouco — e este hálito gelado torna sua pele fria, como a de um réptil. Para mim tanto faz, sou razoavelmente grosseiro em matéria de sexo, não tenho sutilezas, suando ou não suando, não sinto muita diferença.

A lembrança de Teresa me preocupa. Ela pode lembrar-se que faço anos e virá com a gravata de sempre, embrulhada naqueles papéis que as lojas empurram como embalagens de presente. Não quero que Teresa venha, ela esteve aqui ontem e não sinto desejo de possuir mulher hoje. Realmente, estou fazendo quarenta anos.

Teresa talvez não venha, mas Sílvio virá. O caso de Sílvio. Há duas semanas que ele anda me procurando para conversa séria, eu anotei em minha mesa de trabalho: RESOLVER O CASO DE SÍLVIO. Passei duas semanas com esse aviso me aporrinhando. Até que ontem, sem lembrar do aniversário de hoje, decidi procurá-lo. Telefonei-lhe. Ele ficou agitado, quis encontrar-se comigo no mesmo instante, mas eu não queria encontro sério ou não sério com ninguém e — seguindo a mania de adiar — marquei o encontro para hoje, esquecido de que, hoje, qualquer encontro seria pior. Ele estará aqui antes das nove, não quis adiantar o assunto pelo telefone: tem mania de perseguição. Desde que se meteu a salvar o país, ele se julga perigoso inimigo da ordem vigente, cujos passos, idéias e telefonemas são seguidos e gravados pelos distritos policiais e pelo Pentágono. No fundo, é um patriota.

A pátria é uma droga. Lembro o aniversário que passei em manobras, quando fazia estágio para oficial da reserva. Foi meu décimo nono ou meu vigésimo aniversário, talvez a metade exata de minha vida até agora. O serviço militar pegou-me na faculdade, a alternativa era a caserna com a tropa ou ser oficial da reserva. Foi no fim do curso, quando fazíamos estágio final que nos livrasse para sempre da vida militar. Acampamos na área de Gericinó, chovia sem parar, e a chuva, se em parte nos enlameava as botas, as roupas e a alma, tinha o mérito de manter o inimigo imobilizado, fato que também nos imobilizava. O inimigo era imaginário. Na condição de comandante

de pelotão, eu tinha de sair da barraca duas vezes por dia para examinar a situação, ver se esse inimigo imaginário imaginariamente se movimentava no terreno.

Saía da barraca — invadida pela lama — e subia na pequena elevação que o comando geral havia designado como Posto de Observação. Tirava o binóculo do estojo — a chuva molhara o couro, dele saía uma morrinha de suor e cavalo — e olhava a chuva que descia, uniforme e fria, sobre a planície encharcada. Demorava na observação o tempo regulamentar — pois se eu observava um inimigo imaginário, era, por minha vez, observado por um coronel não imaginário. Depois de algum tempo, e de demonstrar algumas hesitações — também imaginárias —, ia ao coronel, que se instalara no quartel-general — um pavilhão de lona confortável; comparado às nossas barracas, um palácio.

Apresentava-me, dava meu nome, o número do meu pelotão e de minha companhia, a hora exata em que observara os movimentos imaginários do imaginário inimigo e o resultado, que não podia ser imaginário, mas real:

— Nada de novo?

— Nada, coronel.

— Tem absoluta certeza?

— Tenho.

— Sente-se capaz de enviar uma mensagem ao estado-maior?

— Sim.

— Conhece a senha?

— Conheço.

Apontou-me a mesa rústica que servia ao cérebro das operações — a expressão “cérebro das operações” era alusão técnica ao próprio coronel. Apanhei o papel das mensagens confidenciais e urgentes, escrevi, em letras de imprensa: “Andrade ainda não chegou.”

O coronel leu por cima do meu ombro e gostou. A senha era essa mesmo — um código ultra-secreto do estado-maior. Se um espião circulasse pelo acampamento e lesse aquela mensagem não entenderia aquilo, Andrade ainda não chegou.

---

Passei o papel ao coronel.

— Muito bem, tenente. E como vai o moral de sua tropa?

— Bem.

— Nenhuma reclamação?

— O pessoal gostaria de tomar banho. Com esta chuva, esta lama, o senhor compreende...

O coronel amarrou a cara. Fizera-me cair numa cilada — só então percebi isso.

— Tenente, é preciso que todos se compenetrem de que estamos servindo à pátria. A pátria exige sacrifícios. Isto aqui é um acampamento militar, estamos em manobras, o inimigo pode atacar de uma hora para outra e acho que não é momento de transformar isto aqui num harém, com fêmeas perfumadas e limpas. Somos ou não somos homens?

— Somos. Com licença, coronel.

Prestei continência e o coronel deixou-me ir, para minha surpresa, sem acrescentar mais nada. Voltei à barraca, entrei encharcado, a botina disforme de lama.

Dividia a barraca com o Sarmento, terceiranista de medicina, rapaz grandalhão e simpático, fazia estágio para segundo-tenente, era meu subordinado.

— Como é? Alguma novidade?

— Nada. O Andrade ainda não chegou.

— Que droga! Estamos há cinco dias dentro desta desgraça e nada acontece! Nem um banho. Estou podre, por dentro e por fora.

— Falei no banho, mas o coronel bronqueou. Disse que a pátria exige sacrifícios.

— Merda para a pátria.

— Amém.

Tirei o que pude de cima de mim, mas, quanto às botas, desanimei: estavam inabordáveis. O jeito foi estender-me calçado na pequena esteira, empapada de umidade e lama.

— Porca vida!

Afora assuntos gerais de acampamento, não tinha o que conversar com Sarmento. Era rapaz rico, odiava o exér-

cito, sua ambição era formar-se e fazer um curso nos Estados Unidos. Tinha garota, vi-os juntos um dia, na praia. Liderava um dos grupos da turma: os que detestavam a vida militar. O outro grupo aceitava ou admirava a caserna e assim ficávamos divididos em crentes e hereges, caxias e subversivos. Eu não conseguia pertencer a nenhum dos grupos. Interiormente, queria que o exército e a pátria fossem para o diabo. Mas também queria acabar com aquilo, o mais rápido e comodamente possível. Cumpria os regulamentos e me detestava por isso. Para os crentes, eu era hipócrita. Para os hereges, era quase crente. Ficava assim onde queria: no meio. Sozinho.

Sozinho não. Havia outro rapaz que também não fora assimilado pelos grupos. Chamava-se Isaac, olhinhos de rato, nariz avermelhado, fino. Um dia, ele me interpelou:

— Você é judeu?

— Quem? Eu?

— Sim. Você.

— Judeu uma ova!

— Vi o seu nome completo, na secretaria. Você se assina Paulo Simões, mas há um nome que você omite: Goldberg. E seu nome não é Simões, é Simon.

— E daí? É possível que tenha sangue judeu, diluído por aí, há muita gente assim. Mas não sou um judeu.

Isaac ficou ofendido com a violência daquela frase, “não sou um judeu”. Éramos os únicos solitários da turma e não nos uníamos por causa disso. No fundo, temia que ele espalhasse o nome que eu aprendera, com meu pai, a omitir, ou talvez, a esconder.

Na tarde daquele mesmo dia — agora fiz os cálculos e verifico que foi mesmo no meu vigésimo aniversário, há vinte anos, portanto — um soldado foi à barraca avisar que o coronel me chamava. Expliquei para o Sarmento:

— Algum idiota viu o Andrade se mexendo.

Sarmento respondeu com um palavrão e eu coloquei o cinto de campanha. Acompanhei o soldado:

— Vamos.

A chuva não diminuía. A lona das barracas pejada de água, mais um dia de temporal e ficaríamos ao desabrigo.

Na enorme tenda do Posto de Observação havia agora outros oficiais. Riam, e, ao me aproximar, percebi que alguns deles estavam bêbados. Ao me ver chegar, o coronel saiu de um grupo e veio me receber:

— Tenente, estive pensando sobre a nossa conversa de hoje pela manhã. O senhor me garantiu que o moral da turma está ótimo, mas eu concluí que o físico talvez não estivesse. Afinal, são cinco dias que a turma está imobilizada no terreno. É preciso algum exercício. Reúna seu pessoal e vamos castigar uma ordem-unida com uniforme e armamento completos!

— Mas com essa chuva, coronel?

— A pátria exige sacrifícios! Reúna seus homens. Pode fazer os exercícios na estrada.

— E se o Andrade notar os nossos movimentos?

Por um momento o coronel não compreendeu que Andrade era aquele. Quando compreendeu, deu um berro:

— Estou dando uma ordem! Sei o que estou fazendo!

— Inchou o peito: — Assumo integral responsabilidade de meus atos!

Tentei retirar-me:

— Com licença, coronel.

— Não tem licença nenhuma! Espere que não acabei!

A campainha do telefone de campanha tocou, um ajudante-de-ordens atendeu. Houve silêncio, os oficiais bêbados ficaram apreensivos e cambaleantes, num canto.

O soldado estendeu o telefone:

— É o general. Para o senhor, meu coronel.

O coronel pegou o aparelho com um olhar formidável, fero:

— Fala, Quincas!

Do outro lado, Quincas falava. Sem que tivesse havido ordem alguma, todos, dos praças aos oficiais mais graduados, estávamos quase em posição de sentido. Provavelmente um ataque do Andrade, o Andrade atacava de surpresa pelo nosso flanco, íamos ter novidades. Mas o coronel sorriu satisfeito:

— Obrigado, Quincas, fizemos o nosso dever! — Desligou e quase deu um berro. — Pronto. O Andrade se rendeu!

Houve alegria na tenda. Todos cumprimentavam o coronel. Os oficiais bêbados iniciaram o Hino Nacional, o próprio coronel acabou com o hino, pedindo silêncio:

— Nada disso! Nada disso! Aqui não! O general ordenou que deslocássemos a tropa até a base do monte Alegre. Lá é que haverá discursos e bandas de música!

Um major perguntou se não seria melhor esperar a chuva passar, o coronel voltou a falar no amor à pátria, “a pátria exige sacrifícios de seus filhos!”.

Havia se esquecido de minha presença: eu lá ficara, à entrada da tenda, duro, esperando ordem para me retirar. Repeti o pedido:

— Com licença, coronel.

Ele avançou para mim:

— Vá depressa, mande avisar que o inimigo se rendeu, quero todas as barracas desmontadas em meia hora, todo mundo em formatura daqui a meia hora! O Quincas vai fazer um discurso!

Voltei à minha companhia, avisei o capitão para mandar o corneteiro tocar “levantar acampamento”. Entrei na barraca salpicando de chuva o Sarmento.

— Que toque é esse?

— Levantar acampamento.

— Que que houve?

— A guerra acabou. O Andrade arriou as calças.

— Mas eu só saí daqui desta barraca para ir à privada!

— Talvez por isso mesmo o inimigo se rendeu. Vá arrumando seus troços que vamos ter discurso. A pátria exige sacrifícios de todos nós!

“A pátria exige sacrifícios de todos nós!” A frase que posso ouvir novamente, vinte anos depois, da boca de Sílvio, que daqui a pouco estará aqui. Tanto o coronel como Sílvio são patriotas, à sua maneira. Eu continuo o mesmo: sozinho.

Já não preciso parecer hipócrita para desagradar a uns, ou crente, para agradar a outros. Não agrado a ninguém, mas isso me faz bem. Sinto-me melhor sabendo que estou sozinho. Os outros podem ter razão, mas são chatos.

O ar-refrigerado ronca sob a janela, o hálito gelado tem um cheiro, cheiro de desinfetante, de cabine de avião, sei lá. Estou fazendo quarenta anos e ainda não saí da cama. Sílvio está estourando por aí, é bom que eu vá me lavar. Ele sempre me chamou de decadente — e será capaz de me achar decadente, agora em outro sentido.

No espelho, vejo o meu rosto. O ângulo é confuso — estou deitado ainda —, mas a cara não é lá essas coisas. É a mesma de ontem, talvez a mesma de um ano, ou de cinco anos atrás. Às vezes — segundo a opinião de Teresa — pareço ter mais idade, às vezes menos. Todo mundo deve ser assim, mas é bom que me cuide. Não darei pretexto a Sílvio para que espalhe por aí que eu acordo bêbado todos os dias, depois de minhas noites de burguês decadente. Vou inaugurar a nova idade cometendo uma hipocrisia: ele me encontrará bem lavado, bem barbeado, bem penteado, escrevendo à máquina como um escritor profissional — como realmente o sou. Ele desprezará tudo isso, mas no fundo me invejará. O diabo é que depois que ele for embora não saberei o que fazer. Dei conta de todas as encomendas: fiz o prefácio para um livro de Gorki, traduzi o pequeno ensaio de Merleau-Ponty para a revista de São Paulo, escrevi duas crônicas para a publicação feminina que vai lançar uma nova linha de anáguas. As encomendas já foram feitas, entregues e pagas. É verdade que preciso iniciar o novo romance, mas não me fixei no assunto, no tema. Tenho algumas idéias vagas, nada tomou forma ainda. Preciso de um mês — ou mais — para ruminar, no ócio, uma idéia. Se o editor entrasse agora pela porta e pedisse: faça um romance sobre as guerras púnicas, quero os originais daqui a um mês, o preço é tanto — eu sairia da cama e daqui a um mês o negócio estaria pronto. Os críticos ficariam indignados, me malhariam convenientemente, e eu poderia passar cinco ou seis meses sem trabalhar, gastando o dinheiro das guerras púnicas.

---

A coisa agora é séria. Tenho dois ou três assuntos que me preocupam, parte está bastante meditada, preciso apenas de alguns dias para avaliar os episódios e iniciar o trabalho. Talvez comece a escrever a história de uma família que acabou toda no hospício. É fato mais ou menos verídico, pode servir de fábula sobre a fragilidade do homem e da família que o ampara.

Quem sabe se não é chegada a hora de descer a fundo no velho projeto que me persegue há tempos? A crônica de um judeu assimilado que não teve coragem de retornar às origens, nem covardia bastante para continuar escondido?

Bom, com a visita de Sílvio não poderei trabalhar. E, mesmo que pudesse, hoje é meu aniversário, gastarei o dia sem fazer nada. Mais tarde visitarei os pais, nunca deixei de visitá-los no dia de meus anos. Eles fazem questão disso e é das raras alegrias que lhes posso dar. Também visitarei Ana Maria no colégio, talvez ela não tenha necessidade de me ver hoje, mas eu tenho essa necessidade, que talvez seja mais que necessidade. Preciso de um pretexto para apresentar à diretora, direi que vou viajar, que preciso ver minha filha antes de embarcar, a diretora compreenderá, afinal, eu pago bem, tenho direitos.

Ana Maria. Quando Laura e eu nos separamos, ela ficou comigo uns tempos. Era bochechuda e terna, seus olhos compreendiam o que se passava. Fiquei com ela o quanto pude — e se mais pudesse, até hoje estaria comigo. Mas Laura insistiu e acabamos no meio-termo: Ana Maria foi para o internato, durante as férias passa semanas comigo, outras com a mãe. Há dois anos não tenho Ana Maria em casa: ela está moça, quase dezesseis anos, não sei o que fazer com uma moça dentro de meu apartamento de homem solitário. Quando, durante as férias, saio com ela para o cinema ou para jantar fora, há sempre algum comentário à nossa volta. Um imbecil, certa vez, viu-nos à saída do cinema, espalhou que eu andava pervertendo adolescentes. Não tenho nada contra adolescentes, mas não sinto atração por elas. Há Ana Maria, mas é minha filha, a menininha que buscava minha mão enquanto dormia. Laura era contra, queria que ela dormisse em quarto separa-

do. Fiz-lhe a vontade, montei bonito quarto para Ana Maria. Na hora de dormir, levava sua pequena cama para o lado da minha, dormia segurando-lhe a mão gordinha e rosada. Mais tarde, ela me daria o troco. Certa noite, após separar-me de Laura, Ana Maria morando comigo, instalei-a em quarto ao lado do meu. Ela acordou e me ouviu gemer. Veio na ponta dos pés e deitou-se a meu lado, segurando-me a mão. Acredito que o pesadelo tenha passado, só lembro que acordei no meio da noite e vi Ana Maria a meu lado, apertando-me a mão. Compreendi e levei-a de volta ao quarto — ela pesava pouco nos onze anos.

Hoje, posso entrar em estado de coma que ela não virá apertar-me a mão. Tem vergonha disso e procura, à sua maneira, esquecer o passado.

São oito e meia. Levanto-me e olho o dia. Está nublado, é possível que chova mais tarde, a temperatura lá fora deve estar menos quente, sinto doloroso o ar refrigerado. Vou ao aparelho, aperto o botão de cima. O motor pára bruscamente e o silêncio, de repente, é um cúmplice. O som da buzina vem de fora e ressoa no apartamento, que agora me parece oco. Abro o janelão para expulsar o frio que me incomoda. Tinha razão: o ar que entra não é aquele bafo pastoso de ontem. Há uma aragem morna. O dia triste e cinzento espera-me, lá fora. E, juntos, vamos comemorar os meus quarenta anos.

No banheiro, espio a minha cara. Não é, basicamente, diferente da de ontem, nem da dos últimos tempos. Mas há nos olhos certo embaciamento, talvez a idade, talvez resto de sono. De qualquer forma, é sempre um estranho que vejo no espelho. Não me admira nem me maltrata o fato de os outros me julgarem cínico ou hipócrita: têm suas razões. A cara é mais ou menos indecifrável, sinto nela, misturadas e diluídas, as minhas origens evidentes ou clandestinas: o olhar de cigano, o nariz de judeu. Para complicar, tenho o bigode, que vai se tornando mais espesso e vasto, dando-me a aparência de vilão mexicano, traficante de cocaína, sei lá. Mas não sou cigano, nem judeu, muito menos cometo vilanias mexicanas ou tráfico de cocaína. Com esta cara posso representar qualquer

papel, desde o de patriota que assiste às paradas de Sete de Setembro até o de revolucionário à antiga, ortodoxo, que joga bombas nas creches das criancinhas.

É vantagem. Posso representar qualquer papel e tenho sempre a cara adequada. É importante ter cara adequada. Os outros têm razão: sou um hipócrita ou um cínico, talvez as duas coisas juntas. Só a mim mesmo essa cara não tapeia. Também, olho-me pouco no espelho, o suficiente para fazer a barba. Não gosto de estranhos.

Abro a torneira, entorno a cara na água fria. Prendo a respiração e conto tempo mentalmente, quero saber como estou de fôlego. Para os quarenta anos não é ruim de todo: quase cinqüenta segundos. Talvez suportasse mais um pouco, mas tenho de me apressar. Sílvio chega de repente e não quero que ele me surpreenda desarmado. Faz parte de meu código: nunca mostrar-me sem os disfarces, sem a cumplicidade de minha cara e de minhas ocupações. Tenho medo de que alguém me surpreenda, nu assim, sem as máscaras que me protegem. Bom, há as mulheres, mas essas não me preocupam, podem ver minha cara e meus testículos, é uma generosidade que lhes faço, não me importa o juízo delas acerca de minha cara e de meus testículos.

Agora, o banho. Ensabôo-me bastante e me examino. Quando, num dia da infância, o garoto me chamou de judeu, corri para casa e fui me espiar. Sempre tive pavor de descobrir, um dia, o talho da circuncisão que nunca me fora revelada. Hoje tenho certeza, mas assim mesmo me olho, um pouco por hábito, um pouco por cautela.

Tocam a campainha. Estou ensaboado e hesito se devo atender. Talvez seja Sílvio. A campainha soa novamente, pelo jeito de tocar é Teresa. Posso deixá-la esperando, estou tomando banho, é um direito. Mas vou afrontá-la. Saio do boxe, enxugo os pés e vou abrir a porta. O homem ensaboado tem seu real aspecto. Antigamente, distraía-me imaginando pessoas nuas e ensaboadas. O general De Gaulle ensaboado. Ou o papa Paulo VI. Não sou De Gaulle nem papa, mas darei a Teresa o espetáculo de minha nudez ensaboada. Diabo é que

pode ser outra pessoa, algum fornecedor, ou o vizinho que vem avisar qualquer coisa, que a água vai faltar, por exemplo. Mas é Teresa mesmo, esse jeito de tocar é dela. A afronta não será tão grande, ela já me viu suficientemente nu, até ensaboar-me já me ensaboou, quando quebrei o pulso e tinha de ser ajudado no banho.

Pelas dúvidas, cubro o corpo com a porta que se abre. Meto a cara para o lado de fora.

— Happy birthday!

Ela entra pela sala e não se surpreende — nem se ofende — de me encontrar ensaboado e nu.

— Happy birthday! Merry Christmas!

Quando quer me aborrecer faz coisas assim. Exagera na exaltação aos meus quarenta anos. E tem, visível, à mão, o pacote retangular, embrulhado em papel vermelho.

— Teresa, você é idiota!

Ela me observa, de alto a baixo:

— Você estava se excitando?

— Já passei da idade de fazer isso. Por quê?

Ela não precisa responder. Olho para baixo e vejo que podia dar essa impressão. Não vou perder tempo explicando para ela que procurava a marca inexistente da circuncisão.

— Que que você veio fazer aqui a esta hora?

— Antes que você se escondesse, quis dar um pulo aqui. Se demorasse um pouco não o encontraria. Tive de vir já.

— Estou esperando uma visita.

Teresa olha em torno, investigando o apartamento. Sempre que entra faz esse exame, espera encontrar alguma mulher escondida. Sabe que não tenho outras amantes e que dificilmente me entusiasmo com uma estranha. Nos dois anos que frequenta o meu apartamento, nunca me surpreendeu em delito. Mas ficou-lhe o hábito de fazer a inspeção, talvez para me lisonjear. Depois de se certificar de que não há vestígios suspeitos, encara-me com alegria:

— Ainda não são nove horas e já vi hoje dois homens nus e ensaboados! Quando saí de casa, o Rui estava no banho.

Fui despedir-me dele, disse que tinha compromisso cedo, ele pediu um beijo, fui ao boxe, afastei a cortina, ele estava ensaboado também. Você já imaginou o Rui ensaboado?

— Já.

Ela fica surpreendida. Explico:

— Sempre imagino os meus conhecidos ensaboados.

Quando sou apresentado a um sujeito, imagino logo como é que ele fica ensaboado.

— E as mulheres? Também as imagina ensaboadas?

— Não.

Volto ao banheiro.

— Faça o café enquanto acabo o banho.

Demoro no resto do banho. A água cai com força sobre o corpo, um corpo de quarenta anos. De repente, há uma coisa que me incomoda. Procuro localizar dentro de mim o que não está bem — e lembro que tive pesadelo à noite. Foi rápido, mas estranho. Depois sonhei outras coisas, a impressão dolorosa passou. Ao acordar, nem me lembrava do pesadelo. Agora ele retorna, sinto na espinha o mesmo ponto gelado e agudo.

Sonhei que estava em casa — casa maior que este apartamento — e havia qualquer coisa como uma família, mulher, filhos, empregadas. No momento do sonho, tinha dois hóspedes: John Dillinger e Baby Face. Dois personagens que vejo frequentemente no cinema, cujas vidas leio em revistas ou livros. Mas Dillinger, em meu sonho, era pessoa secundária. O importante, o chefe, era Baby Face, homem risonho, parecido com um sujeito que conheço não sei de onde. Estávamos no gabinete quando Dillinger diz que vai tomar banho e se fecha no banheiro. Nesse instante começo a me inquietar — o medo de ter ficado sozinho com Baby Face? — e vou à sala, acendo a luz. É uma sala grande, muito iluminada. Sinto-me protegido. Apago a luz e fico mais tranqüilo. Vou retornar ao gabinete quando de lá vem Baby Face. A inquietação retorna, volta o medo, percebo que alguma coisa desagradável irá acontecer. Ele se dirige ao armário e começa a procurar uma faca na gaveta dos talheres. Sei que é uma faca que ele está procurando

na gaveta dos talheres, o sono me dá onisciência e certeza. Corro para o interruptor — que momentos antes fizera jorrar a luz grandiosa e tranqüilizante —, mas o interruptor agora não funciona. Insisto em acender a luz, Baby Face apanhou uma faca comprida — na realidade, um punhal. Dirige-se a mim, sorrindo. Continuo insistindo no botão da luz, Baby Face se aproxima, riso mau na boca, ele sabe que a luz não acenderá, apesar do meu desespero em tentar ligá-la. Quando não posso mais fugir, imploro que me poupe a vida. Ele levanta o punhal, vejo a lâmina crescer contra mim. Súbito, pára. O punhal é jogado ao chão e Baby Face volta a sorrir, com amizade. Diz qualquer coisa como: “Você não tem confiança em mim? não sabe que sou seu amigo?”, e percebendo que estou apavorado, pede uma prova de confiança: “Vamos, me dê um abraço para provar que não está zangado comigo, que tem confiança em mim.” Não estou em condições de contrariá-lo e atiro-me em seus braços, agradecido e humilde. Rio histericamente, não de alegria mas de nervoso, pelo susto vencido, Baby Face também ri, satisfeito, amigo. Suas mãos se entrelaçam às minhas costas e só então vejo — mas é tarde — o sorriso mau em sua boca. O pesadelo chega ao clímax: um dos dedos de Baby Face transforma-se em punhal. O estilete de aço penetra-me na espinha, à altura dos pulmões. A dor é violenta, me paralisa de ódio e agonia. Acordo sentindo nas costas o mesmo ponto doloroso, só que a dor não é tão profunda ou intensa. A rigor, não é dor nenhuma, apenas pressão na espinha, talvez tenha dormido de mau jeito.

No banheiro, relembro o sonho e fico admirado de agora, sob o chuveiro, à luz do dia, o cheiro do café feito por Teresa invadindo o apartamento, não descobrir motivo para tanta agonia durante a noite. De qualquer forma, tenho piorado em matéria de medo. Em criança, quase não temia pesadelos, se é que os tinha. À medida que envelheço, os sonhos maus e repugnantes me perseguem. Nos primeiros anos de casado passei tempos em que não podia dormir no escuro. Laura e eu colocamos no quarto uma pequenina lâmpada que me tranqüilizava. Mesmo assim, houve noites em que acorda-

va encharcado de suor, procurando com desespero a mão de Laura para me proteger. Ela era boa e compreendia, eu confiava nela. Ficava acordada até de manhã, até que chegasse a luz do dia e eu pudesse dormir novamente. Mais tarde, mesmo quando nossas relações começaram a piorar, havia trégua, um *sursis* tácito: quando tinha pesadelo, eu a procurava e ela não me repelia. Ficávamos enlaçados até que a manhã chegasse. Acredito que foi numa dessas noites que transamos pela última vez.

Hoje não tenho ninguém para me proteger. Ana Maria, apesar de criança, muitas vezes me livrou de pesadelos, dormia com ela e sua mão pequenina me protegia e abrigava. Quando, esporadicamente, Teresa ou qualquer outra mulher vem dormir comigo, nunca tenho pesadelos. Eles só me visitam quando estou só.

Acabo o banho e me enxugo com lentidão, ouço os passos de Teresa indo e vindo da cozinha para a sala. Enrolo-me na toalha e vou ao quarto, visto uma cueca. Vejo em cima da cama a bolsa de Teresa. Na certa, ela querará alguns minutos comigo, mas estou sem vontade e é bom que diga logo isso a ela.

— Seu café está pronto.

Na pequena mesa, ao lado da sala, há a bandeja com café, torradas, geléia, manteiga, um ovo mexido, o suco de qualquer fruta amarela. Bem à mostra, o embrulho retangular ao qual não dera atenção.

— Você não abriu o presente.

Não deve ser gravata, o embrulho é pequeno. Despedaço o papel vermelho e abro: um cachimbo italiano, como gosto, dos pequenos, sem verniz.

— Gostou?

— Muito.

Ela apanha o cachimbo, vai ao gabinete enchê-lo de fumo. Sento-me e devoro o café, o ovo, as torradas — surpreendo-me com fome, geralmente não tenho fome pela manhã, ou melhor, não tenho quem me prepare um café desses. Se estou sozinho, limito-me a fazer o café no aparelho complicado

que me deram, tomo um suco de fruta, mordo um pedaço de queijo.

— Teresa, estou esperando um camarada. Daqui a pouco estará aqui.

Ela volta do gabinete, o cachimbo com fumo.

— Está me mandando embora? Pois eu vou mesmo. Vim apenas dar o meu abraço.

— Não estou mandando você embora. Apenas não quero comprometê-la.

— O camarada não é seu amigo? Não sabe que você deve ter alguém?

— Bem, não chega a ser um amigo, ou melhor, é um amigo distante, passamos muito tempo sem nos ver, embora nos queiramos bem. Além do mais, ele pode reconhecer você amanhã, em outro lugar.

— Obrigada pela atenção. Mas não precisa se preocupar comigo. Sei o que estou fazendo. Mais dia menos dia eu me separo do Rui e ficaremos livres. Então, poderemos receber os seus amigos.

Acabo a refeição em silêncio. Não vou começar o dia — o dia dos meus quarenta anos — com uma discussão sem sentido. Teresa parece entender, vai ao quarto e volta com a bolsa.

— Bom, hoje não vejo mais você. Ou será que vai sobrar tempo para mim?

— Não sei. Não sei ainda. Pretendo fazer umas visitas, tenho de ir ver os velhos, dar um pulo no colégio, visitar Ana Maria. Mais tarde, se puder, eu telefono.

— Bem, fico esperando seu telefonema. Até as oito você pode ligar para casa. Depois, só com o código.

O abominável código que ela mesma inventara. Eu era Clarice, secretária da Associação Beneficente ao Menor Desamparado, ela atendia e ficava dizendo: “Está bem, Clarice, vou daqui a pouco, pode me esperar, levo o relatório da última reunião, está tudo bem, até logo, Clarice.” Quando o marido atendia, eu dizia que era engano ou não dizia nada, desligava com força, como se a linha houvesse caído. Era esse

o código que Teresa tinha a coragem de chamar de “nosso” e que sempre foi o de todos os adúlteros.

Acompanho Teresa até a porta. Paramos um instante e sinto-me obrigado a beijá-la. Afinal, o cachimbo é bonito, e o café-da-manhã me traz conforto. Ela me abraça:

— Você não enxugou as costas direito.

Beijo-a devagar, sem prazer. E estamos prolongando desnecessariamente o beijo sem sabor quando a campainha toca.

— É o Sílvio.

— Vou me esconder.

— Não. Agora espere. Já passou o tempo em que se usavam armários para isso. Ele não vai reparar, tem outras preocupações.

Vou à porta e abro. Vejo o camarada baixo, cabelos ralos, o rosto bastante moço. Há um riso permanente naquele rosto, um riso mais nervoso que amistoso.

— Entre, Sílvio.

Ele dá com Teresa, faz o gesto de quem volta:

— Incomodo?

— Não. Ela está de saída.

Ele entra, encaminho-o ao gabinete.

— Espere um pouco aqui, volto já.

Encontro Teresa no elevador. Vou até lá, beijo-a rapidamente.

— Telefone logo mais, por favor.

— Darei um jeito. E obrigado por tudo.

— Tudo o quê?

— O cachimbo... o café...

O elevador desce e me surpreendo de cueca em pleno corredor. A vizinha do apartamento fronteiro aparece para saber quem está comigo, amarra a cara ao me ver de cueca. Bato minha porta e volto ao gabinete.

Descubro que estou irritado com o dia. Desejava passá-lo sozinho, com meus fantasmas e medos, sem reparti-lo, sem conspurcá-lo. Mas já tivera a visita de Teresa — o cachimbo em cima da mesa me dá remorso de não ter sido gentil. E

há Sílvio, o caso de Sílvio para resolver. A rigor, já o considero resolvido. Desde ontem, quando telefonei para ele e marquei o encontro, que risquei da minha agenda e de minhas preocupações a advertência há tanto tempo repetida: RESOLVER O CASO DE SÍLVIO. Uma vez que me decidira a encontrá-lo, pelo menos para mim o caso ficava resolvido: não o dele, o meu.

Surpreendo Sílvio examinando as estantes. Mantém certa distância, os braços cruzados, teme contaminar-se com os livros que tenho. A cara é impenetrável, mas há censura em seus olhos: romances, contos, ensaios literários, alguns livros de história, pouca filosofia — são coisas que ele não aprecia, talvez despreze.

Sento-me na poltrona giratória, atrás da mesa, peço que fique à vontade — o que é ocioso, ele já se sente à vontade.

— Olha, Paulo, ontem não pude avisá-lo pelo telefone, mas estou esperando uma pessoa. Uma mulher.

— Aqui?

— Sim. Não me leve a mal, mas o que tenho a conversar é coisa séria demais para ser ouvida e dita apenas por nós dois. Precisamos de uma testemunha.

É possível que Sílvio não tenha percebido o meu desagrado. Sou hábil em dissimular, faço gesto resignado, como a dizer: “Pois esperemos”, e apanho o cachimbo que Teresa me dera. Já está com fumo e só preciso amassar um pouco, para desfazer o vácuo. Sílvio ronda a minha mesa:

— Você vai... você vai receber a moça assim?

— Assim como?

Só então reparo que continuei de cueca. Visto um short e sinto que minhas pernas cabeludas devem causar má impressão. Apesar de lutar contra a sociedade, Sílvio dá importância a detalhes assim: veste-se dos pés à cabeça, sem luxo, malvestido, mas inteiramente vestido: paletó, gravata, lenço no bolso de cima, calças largas, compradas em lojas baratas. O visual burguês não chega a ser disfarce: é uma opção, um estilo de vida.

— Quer que eu me vista?

— Você é quem sabe. A moça pode estranhar.

— Se é o que estou pensando, ela não estranhará.

— O que você está pensando? Que ela é comunista? E que por ser comunista não deve dar importância se a recebe de cueca? Você faz péssima idéia dos outros. Nem todo comunista é idiota como Paulo Simões pensa.

— Você já entrou no Partido?

— Não. Pelo menos, ainda não. Fui convidado, mas tenho pedido tempo para pensar. Essas coisas não são simples, dependem de muita meditação, inclusive de nossa conversa.

— Quer dizer, a moça que você convidou para vir à minha casa é a camarada do Comitê Central que dará os pontinhos necessários para que sua ficha seja aprovada?

— Não é bem isso. Conforme já disse, nós precisamos de testemunha. Você e eu precisamos de uma terceira pessoa aqui.

— E por que essa pessoa tem de ser um comunista, ou uma comunista?

— Isso não vem ao caso. Podia ser uma católica romana, uma budista, uma coisa qualquer. O fato de ser comunista, ou de ter sido comunista, é acaso. Nada mais que acaso. E o que vamos conversar nada tem a ver com o Partido.

— Bem, para todos os efeitos, comunico que não vestirei calças. Estou em minha casa, faço quarenta anos hoje e não estou disposto a começar o dia contrariado.

— Quarenta anos?! Você ainda conta os aniversários?

Há zombaria na voz de Sílvio, mas eu me levanto e ligo o ar-refrigerado. O dia começa a esquentar — ou a ficar desagradável — e o ar que vem de fora é abafado, como o de antes de tempestade.

— Você se corrompeu, Paulo! Olha os livros que você tem, e o que é pior, os livros que você escreve! Adúlteras, homens angustiados: tudo isso fede a mofo, a século passado. Você se perdeu à toa!

— E você vem me dar uma oportunidade? Assunto para um bom romance?

— Não. Acho você, como escritor, irrecuperável. O diabo é que a sua literatura faz algum sucesso, você vive bem, tem sempre uma amante disponível, um escritor ao gosto do

século passado, um clichê de opereta, tipo pintor de Montparnasse, poeta de Sardou ou de Murger, sublitteratura enfim. O que talvez possa ser recuperado é o homem que ainda resta em você. Por isso estou aqui, tenho uma oportunidade para lhe oferecer. Sinto-me obrigado a fazer alguma coisa — há embaraço em sua voz — por você e pelos outros.

— Que outros? Há outros metidos nessa história?

Sílvio não dá resposta. Apanha um livro dos meus, o mais recente, abre uma página, faz esforço para ler, mas não consegue:

— Isto é uma droga, Paulo, e você sabe que é uma droga!

Posso responder-lhe: “Faço o que posso.” Ou: “Faço o que entendo, não devo explicações a ninguém.” Mas sinto preguiça em discutir assunto que geralmente não discuto com ninguém, muito menos com um sujeito como Sílvio. Muito menos nesta manhã, em que inauguro quarenta anos.

Sílvio recoloca o livro na estante, apanha outro. Folheia páginas, cauteloso, como se das páginas saíssem micróbios, mau cheiro. Lê trechos por cima, sem se contaminar com o que está escrito.

— Olha só, vocês vivem fuçando num poço estéril: o vácuo do homem, a problemática do homem...

— É uma escola — defendo por conta própria a classe. — Você sabe que só o homem problemático pode ser objeto de uma pesquisa, de uma obra de arte.

— Mas por que não descem ao fundo do problema? Em vez de aceitarem o homem problemático, procurem, se não solucionar, ao menos conhecer o problema do homem.

— Qual é o problema do homem?

— Nunca pergunte qual é o problema do homem. Pergunte: qual é o seu problema, o meu problema, o nosso problema, o problema de todos.

Sílvio pára, como se tivesse dito uma verdade surpreendente.

Pergunto:

— E qual é esse problema?

Ele se espanta com minha insistência. Mas volta a falar, agora sem o tom apostólico e, ao mesmo tempo, inquisitorial:

— Espere um pouco. Nós vamos tratar disso, daqui a pouco. Só falta a moça chegar.

— Bem — resigno-me —, justamente no dia em que faço quarenta anos preciso ficar esperando que uma moça desconhecida entre aqui em minha casa e me diga qual é o meu problema. Sou humilde, não por virtude, mas por esperteza. Vou esperar.

— Já é um princípio.

Sinto-me no dever — e no direito — de mostrar impaciência. Olho o relógio:

— Estou cheio de compromissos, Sílvio. Tenho que ver os velhos.

Sílvio não se preocupa.

— Eles estão vivos? Pensei que seu pai tivesse morrido.

— Por quê?

Ele abana os braços, sem explicação:

— Sei lá! Pensei por pensar. No mundo em que vivo ninguém mais tem pai. Você é exceção.

— Eu não sinto glória nenhuma em ter nascido pelos meios normais, um pai, uma mãe. Sei que é chato ser como todo mundo, mas, pelo menos nesse particular, sou ortodoxo.

Sílvio não presta atenção no que digo. Olha-me as pernas:

— Mas você vai receber assim a moça?

Antes que eu responda, a campainha toca. Ele corre para atender, ouço um diálogo à distância, logo Sílvio retorna:

— É um vizinho. Quer falar com você.

Levanto-me, vou à porta. O sujeito vem reclamar qualquer coisa, a cara é de aborrecimento.

— Algum problema?

— O seu carro está impedindo a saída da garagem.

— O porteiro tem a chave. Ele pode manobrar, faz isso todos os dias.

---

— O Cabral saiu hoje, foi levar a mulher ao hospital. Não desejava incomodá-lo, mas estou atrasado, se o senhor pudesse descer...

Olho para Sílvio, pedindo compreensão. Ele faz cara de quem compreende e eu acompanho o vizinho ao elevador. É um estranho que mora a meu lado e que, agora, viaja a meu lado, em busca de uma solução. Eis um problema, que poderá ser resolvido — e bem — daqui a pouco.

Está vestido por inteiro, uma elegância afetada, de executivo em ascensão, gravata estupidamente de acordo com as meias, as abotoaduras da moda, o bico do sapato da moda. Vesti um short, formo contraste com aquele homem que tem de estar cedo na cidade. Eu não tenho de estar cedo em parte alguma e, quando estou em alguma parte, geralmente estou tarde.

O carro ficou empacado, próximo à porta da garagem. Alguém o empurrou durante a noite, sempre o deixo no canto, a lei nas garagens é selvagem, cada qual se desaperta como pode e quer. Faço a manobra e dou passagem ao vizinho, que passa por mim acelerando forte, sinto o seu protesto e o seu atraso na fumaça irritada do cano de descarga.

Subo novamente. Vou agora sozinho, de short, como se fosse à praia ou de lá viesse. É o primeiro instante solitário que desfruto do meu aniversário: desde que me levantei da cama que estou distribuindo e me distribuindo com e em outras pessoas e interesses.

A viagem é curta. Paro diante de meu andar, há súbita vontade de apertar novamente o botão, descer, ir mesmo à praia, deixar Sílvio e o seu caso para sempre.

Uma submissão miserável me atira para a frente e enfrento o meu dia. A porta do apartamento está semi-aberta, talvez eu mesmo a tenha deixado assim. Ouço a voz de Sílvio e deduzo que a moça chegara em minha ausência.

Não teria nenhum escrúpulo em receber a visita de short, sentado em minha poltrona, em meu gabinete. Agora, tenho a impressão de que a visita sou eu. Perco a coragem de enfrentá-la com as pernas de fora. Sob a moldura da porta ela

me verá ridículo e extravagante. Dou um pulo ao quarto e visto a calça. Abotoo a braguilha com cuidado, afinal, diante de uma mulher, o meio-termo é insuportável: ou se tem a braguilha abotoada ou não se deve ter braguilha nem calça.

Ao atravessar a sala, em direção ao gabinete, faço rápido exame interior: não sei se estou realmente interessado nessa conversa ou se desejo, apenas, causar boa impressão à moça. Decido que não estou uma coisa nem outra, isso me dá a calma para enfrentá-los com o tédio do meu aborrecimento.

— Puxa! Demorou um bocado!

Sílvio levanta-se ao me ver chegar. Enquanto dou uma desculpa sinto que ele repara em minhas calças e as aprova.

— Esta aqui é Vera.

Estendo a mão para a moça opaca, mais para magra que para gorda, embora seja um pouco as duas coisas, dependendo do ângulo. Tem cabelo preto, jogado com desleixo sobre a cabeça e os ombros. Controlo-me para não olhá-la de alto a baixo, mas guardo a sua opacidade. Enquanto procuro a poltrona, compreendo que a sua opacidade deve ser fruto de um orgulho controlado, ou de uma frágil sensação de fortaleza.

Quero ser rápido:

— Bem, vamos ao assunto. Tenho muito o que fazer.

A moça sentara-se na poltrona ao lado da minha. Sílvio fica de pé, e como ele é quem vai falar, a posição é apropriada.

— Para começar pelo começo, vou expor o método de nossa conversa. Eu falarei. Você ouvirá. Vera será testemunha. Depois, fala você, eu ouço.

— E a moça será testemunha. De acordo?

— Sim.

Sílvio começa a andar de um lado para outro. Sem mostrar embaraço, como se estivesse recitando um poema há muito decorado, em que apenas o som das palavras contasse, ele obtém o tom neutro e confidencial de um médico, ao encerrar um diagnóstico:

— Paulo, você, como todos nós, está na encruzilhada. O país, a humanidade estão na encruzilhada. Só há duas

atitudes: ou ficamos sentados, à beira da estrada, sem tomar nenhum dos caminhos, ou optamos por um deles. Creio que você como homem, como escritor, não gostará de ficar sentado. Afinal, você não se preparou durante tantos anos para, na idade madura, sentar-se à beira da estrada. Assim, só lhe restam os dois caminhos, que são a outra ponta da alternativa inicial. Pois venho propor o meu caminho, que pode ser o nosso caminho: numa palavra simples, pequena e perigosa, a luta.

Faço o movimento de quem vai interrompê-lo, mas ele detém a palavra que não chego a soltar com um gesto impaciente de sua mão:

— Espere! Deixe eu chegar ao fim. Depois você falará.

Consigo reclamar:

— Mas quem disse que eu estou disposto à luta? Que luta?

— Bolas, você sabe como as coisas estão! Para resumir, apenas enumerando os problemas mais agudos, aí vai: supressão das liberdades públicas e individuais, empobrecimento brutal das classes médias, a faixa maior da população vivendo na miséria absoluta, degradação da pessoa humana, violências policiais, torturas, assassinios. Você não pode aceitar a vida, a vida de nossa época, sob condições tão infames. Ficar sentado equivale a uma cumplicidade criminosa.

— Concordo com você. Já assinei manifestos nesse sentido. Quase todo dia assino um. Contra a prisão de estudantes, contra a alienação de nossas riquezas, contra a política econômica, contra a guerra do Vietnã, contra ou a favor de alguma coisa ou causa.

— E isso basta? Ou melhor: isso lhe basta?

— Basta. Não posso compreender a minha participação numa luta a não ser em termos assim. Ou você quer mesmo que eu pegue no fuzil? Onde está o fuzil?

— Pois eu lhe venho oferecer exatamente isso: o fuzil.

— E quem disse que eu quero pegar no fuzil? Uma coisa é assinar manifestos, outra é...

---

— Calma, Paulo, você está se precipitando. Espere que eu chegue ao fim. Nós sabemos que você tem assinado manifestos.

— Nós quem?

— Nós, quer dizer, os que se preocupam com a coisa. Muitos intelectuais e artistas também assinam manifestos e não pretendemos procurá-los para propor o que estamos propondo a você.

— Quer dizer, é uma honra?

Percebo que Sílvio, ao dizer “nós”, refere-se principalmente a ele e à moça. Resolvo aceitar a conversa tal como é imposta. Fico quieto e deixo Sílvio falar:

— Não vem ao caso, agora, discutir o passado. Saber de quem ou por quem tudo isso caiu sobre nós. O que interessa é lutar, e já. Ou partimos para um futuro, agora, ou, daqui a duzentos anos, seremos o que somos hoje, piores ainda. Por tudo isso, a ação se impõe. Ela pertence à nossa geração, a mim, a você. Já fomos, até certo ponto, culpados por tudo de ruim que aconteceu recentemente. Ou faremos alguma coisa de concreto contra isso que aí está, ou seremos cúmplices passivos ou ativos do aviltamento que a ditadura instalou. Pois muito bem: um grupo de pessoas, de diferentes ideologias, padres, comunistas, militares, vigaristas, estudantes, mulheres, lavradores, bancários, está disposto a lutar. Chegou-se à conclusão de que sem algum derramamento de sangue não haverá solução. Restava saber se havia condições objetivas para que esse sangue derramado, de um e de outro lado, não o fosse em vão. Pois bem: a hora chegou. Há condições objetivas, concretas. Mais tarde, você será colocado, gradualmente, a par da organização que já temos. Por ora, aqui em sua sala, só posso afirmar uma coisa: quem der o primeiro tiro ganha a guerra. Pois daremos nós esse primeiro tiro.

— E você quer que eu participe desse primeiro tiro? Quem lhe disse que eu sei atirar?

— Nós sabemos que você sabe atirar. Precisamos de homens como você, que tiveram um rudimento de preparo militar...

---

— Ora, Sílvio, você vem falar em preparo militar a um sujeito que mal passou pelo quartel, que grudou com cuspe uma estrela de oficial da reserva no ombro?

— Sabemos que você foi bom aluno no Centro de Oficiais da Reserva. Um companheiro conseguiu obter cópias de fichas de muita gente, foi um trabalho apreciável, temos agora boa documentação, documentação até surpreendente. Basta dizer: a sua ficha é ótima.

— Eu não sabia. Fui buscar apenas meu certificado de reservista, não me interessei pelas avaliações.

— É possível que não soubesse. Se entrássemos numa guerra, eis uma hipótese, você seria imediatamente convocado. Sua ficha garante que você é um excelente comandante de pelotão, bom conhecedor de terreno, bom em tática.

Seria inútil contar para Sílvio a minha experiência como comandante de pelotão, a chuva caindo sobre Gericinó, as barracas enlameadas, os palavrões do Sarmento, o inimigo imaginário que nunca se mexeu no terreno até que desapareceu para sempre. O coronel e o Quincas ganharam a batalha e foram generosos, distribuíram bons conceitos nas fichas de seus comandados.

Prefiro ficar calado, distrair-me com a proposta de Sílvio.

— Como vê, nós sabemos muita coisa. E foi por acaso que sua ficha parou em minhas mãos. Perguntaram-me se eu podia sondá-lo. Ora, você não deve ignorar que há risco em sondarmos pessoas sobre assunto tão delicado. Você pode sair daqui, telefonar para o distrito policial mais próximo e me denunciar. Bem, pelo menos por isso eu botei a mão no fogo. Sabia que podia sondá-lo e que você, aceitando ou não, ficaria de bico calado.

— Estou orgulhoso pela confiança. Mas não aceito.

— Espere. Deixe eu terminar, que diabo! Ainda não falei metade!

Sílvio está mais calmo, agora. Vez por outra olha para a moça, em busca de aprovação. A moça permanece impassí-

---

vel, como se estivéssemos falando dialeto servo-croata diante de uma múmia.

— De alguns meses para cá começaram a surgir possibilidades. Não havia soluções políticas a tentar, nem mesmo essa solução tão latino-americana de um pronunciamento militar que, de forma paradoxal, corrigisse as coisas. Antigamente, quando vivíamos crises mais ou menos semelhantes, havia sempre a esperança de que algum comandante de exército, por qualquer motivo, às vezes um aborrecimento de ordem pessoal, desse um grito. O governo deposto, se teve erros, pelo menos colocou em discussão as questões fundamentais. O negócio, agora, será para valer e nenhum general está disposto a isso. Estruturamos um programa de resistência e combate à ditadura que, a princípio, parecia romântico, impraticável. Mas os acontecimentos precipitaram-se, surgiram acasos, alianças imprevistas, cooperações inesperadas, principalmente no que diz respeito a recursos financeiros. Temos condições que agora já podemos considerar objetivas. Resta apenas ultimar os preparativos e convocar alguns elementos. Já temos teóricos suficientes, até demais, economistas, estrategistas, gente treinada no exterior. Não posso, em nossa primeira conversa, revelar o panorama geral, nem mesmo eu estou a par de tudo, conheço apenas um setor do conjunto. Há um grupo pensando e resolvendo os problemas gerais. Mas desde já sentimos a necessidade de recrutar homens com algum preparo militar...

— Você não disse que há militares envolvidos nisso? Por que vão apelar para gente da reserva que nem mais sabe desmontar um FM?

— Os militares que usaremos são quase todos da reserva. Os que estão na ativa não podem aparecer nessa primeira fase. Ficam para o segundo estágio, muito mais importante, por sinal: o da consolidação. Ilustrando o caso: temos duzentos homens dispostos a tomar um quartel em determinada cidade do interior. Dentro do quartel, evidentemente, há um grupo de soldados, sargentos e oficiais do nosso lado. Eles não podem tomar o quartel, são minoria. O ataque tem de vir de fora. E para comandar esses duzentos homens precisamos de gente que

saiba ao menos os rudimentos de comando. Se fôssemos apelar para os oficiais de carreira, facilmente despertaríamos suspeitas: o governo estranharia a concentração ou a coincidência de tantos militares em determinados lugares e isso poderia estragar tudo. Podemos, no entanto, concentrar médicos, engenheiros, lavradores, advogados, funcionários e comerciários em qualquer lugar, ninguém se lembrará de que, com algum treinamento intensivo, poderão comandar um ataque ao quartel ou à guarnição da região. Nesse ponto, acho que fui claro.

— Claro e fantástico. Você ignora o que seja o treinamento dos centros de reserva. A gente faz aquilo nas coxas. — Titubeio ao lembrar que há a moça ao meu lado, mas a expressão brutal já foi dita, corrigi-la será inútil e inoportuno. — Apesar de minha ficha, que segundo você é excelente, não me considero capaz de comandar nem mesmo a mim.

Sílvio me encara e diz com convicção:

— Você está reagindo melhor do que eu esperava.

— Queria que eu o botasse para fora a pontapés? Que eu chamasse a polícia?

— Não. Mas acredite: está reagindo melhor do que eu esperava. A dúvida que você levanta é legítima, normal, já a consideramos. Há, em diversos pontos do território nacional, grupos de preparação militar. Para leigos e sacerdotes. Você é sacerdote: apóstata, herético, mas sacerdote. Entende?

— Continuo achando a coisa fantástica demais. E muito perigosa.

— E eu continuo achando que você reage melhor do que poderia esperar. Segundo você, o plano é fantástico e perigoso. Concordo. Mas há uma coisa que você não disse: que o plano é impossível.

— Pois estou dizendo agora: o plano é impossível, pelo menos naquilo que me diz respeito. É impossível para mim. Precisaria acreditar suficientemente numa coisa para chegar ao ponto de lutar por ela. É simples. Creio que todo mundo seja assim.

É, se não me engano, a primeira vez que encaro a moça. Até então, contentara-me com a sua silhueta, a sombra

a meu lado. Por isso a julgara opaca. Agora, irritado pelo rumo da conversa, encaro-a com alguma raiva. O rosto é magro, os olhos escuros, o nariz e os lábios terminam, vistos de perfil, numa mesma linha projetada para fora do rosto. Pode parecer um animal, mas parece mesmo é mulher. Na boca, a impressão é que falta carne para compor os lábios, que apesar de tudo são grossos mas não se fecham completamente. Imóvel, séria como está, os dois lábios não se tocam, há pequena brecha entre eles, que não dá para mostrar os dentes e forma uma sombra, feita de umidade e calor. Em certo sentido, dá a impressão de ser uma canibal: come carne humana todos os dias.

Canibal ou não, ela reage normalmente, ou seja, não reage de maneira alguma. Ouve o que eu digo como se não esperasse outra coisa de mim e olha Sílvio com desprezo, como se nós estivéssemos representando uma peça cuja trama e desfecho ela já conhecia e reprovava.

Sílvio, sim, surpreende-me. Enquanto encaro a moça, não reparo que ele começa a procurar pela estante. Quando torno a ele, já está com o livro na mão. À primeira vista, parece-me uma edição antiga dos diálogos de Platão, uma coleção em francês que mandei encadernar há tempos. Logo reparo que não é Platão, é a encadernação do meu primeiro livro, alguém o mandara encadernar na França e me dera de presente. Sílvio procura uma citação, sem pressa, com método.

— Que que é isso?

Sem interromper a busca, Sílvio me tranquiliza:

— Não se assuste. É o seu primeiro livro, o único que cheguei a ler e reler. Você era, então, recuperável, como escritor. Há um trecho que deve ser citado aqui, em nossa conversa.

— Não tenho nada com o que escrevo. Não me misture com os meus livros.

— Não estou misturando nada. Você mesmo é que se mistura, às vezes. Você sempre dizia isso, antes de escrever seus livros vivia repetindo a mesma coisa, até que... justamente no primeiro livro, fui encontrá-la, textualmente, comentei isso com amigos comuns, todos esperavam encontrar esse desabafo ou coisa que o valha... aqui está ela. — Marca com o

dedo a página e fecha o livro. Encara-me: — Eu não iria tentar convencê-lo com argumentos políticos, morais e sociais. Seria gastar tempo e você não concordaria nunca comigo. Afinal, sua formação é apenas literária, uma conversa nossa, sob o aspecto formal da história, ou do nosso tempo, seria inútil e conflituosa. Vim preparado com o único argumento que você poderia aceitar: um argumento seu. Tão seu que, durante o tempo em que convivemos, desde os vinte ou vinte e um anos, você o repetia sempre. Tão seu que, ao receber o seu primeiro livro, fui direto procurar o trecho e lá o encontrei. Quer ouvir?

Não respondo. Acho divertida a seriedade que Sílvio coloca naquilo, e tenho espaço bastante para manobrar, fosse qual fosse o trecho. Sílvio abre o livro e lê, voz neutra, profissional:

— “A única certeza que possuo é esta: a da minha morte. Não sei se acabo de dar o laço desta gravata, não sei se chego ao fim deste dia, não sei se amanhã estou na cama com a rainha da Inglaterra ou se tomo conta dos cachorros do dalai-lama. Só de uma coisa sei: vou morrer. Aceito a morte, seria burrice fugir dela, ou não assimilá-la. Se é a minha única certeza, tenho de preparar-me para ela, ou, se possível, de prepará-la para mim. Não quero morrer de velhice ou de moléstia. Os samurais japoneses consideravam a morte natural, a morte por moléstia, como nódoa infame, abominável. Tampouco terei motivos para o suicídio. Mas não suportarei a morte na cama, a próstata inflamada, urinas presas ou soltas, sondas, algodões embebidos em éter, escarros, a repugnante liturgia da morte. Não vou esperar pelo câncer do reto ou do piloro, nem o insulto cerebral. Antes que a vida me insulte, eu insultarei a vida: me engajo numa luta — não há cruzadas para defender o túmulo do Salvador, é pena — e a ela me entrego com ferocidade. Talvez consiga ser herói.”

Pára de ler. Fica decepcionado com a minha cara, mas assim mesmo mantém a atitude do comandante de fuzilamento que se aproxima do condenado para o tiro de misericórdia:

— E há ainda aquela frase que você sempre dizia, que está também neste e, segundo ouço dizer, em quase todos os seus livros: “Viver depois dos quarenta é porcaria.”

Agora sim, ele se surpreende. A frase, atirada na minha cara, justamente no dia em que faço quarenta anos, não me abala nem comove. Nem sequer me irrita. Avanço para Sílvio e retiro o livro de suas mãos.

— Eu pedi argumentos e você veio com frases. É idiota, Sílvio, o seu método de persuadir. Não quero me persuadir de nada, sou dono do meu nariz e da minha vida. E a nossa conversa acabou. Tenho muito o que fazer, visitar os velhos, dar um pulo no colégio de Ana Maria, tenho compromisso na editora, você me desculpe, mas não pode ser.

— Não pode ser o quê?

— Não posso prolongar esta conversa imbecil e muito menos aceitá-la.

— Mas eu coloquei a conversa em seus termos. Vera aqui é testemunha de que...

Olho para Vera, havia me esquecido de sua presença. Ela fixa em Sílvio o olhar de reprovação e desprezo.

— Ela sabe que todo mundo foi contra a minha idéia de atraí-lo para a nossa causa. Mas eu acreditava, e continuo acreditando, em você. Apenas, os termos da luta terão de ser colocados de outra forma. Não adiantava invocar o latifúndio, a ditadura, o subdesenvolvimento, as torturas policiais. Tinha de arranjar uma forma pessoal, carnal...

— Pois de forma pessoal e carnal recuso a conversa. Não gosto do governo atual, mas jamais gostei de governo algum. Politicamente, sou anarquista, mas sobretudo sou comodista. Por isso mesmo, me considero inofensivo e covarde. Não estou disposto a dar ou a receber tiro por causa da liberdade, da democracia, do socialismo, do nacionalismo, do povo, das criancinhas do Nordeste, que morrem de fome. O fato político não me preocupa, é tudo.

— Mas você tem assinado manifestos!

— Isso é fácil. Assino-os aqui mesmo, no meu gabinete, de short, o ar-refrigerado, o cachimbo. Entra aqui uma atriz de teatro ou da televisão, um estudante, mostra o manifesto, as assinaturas já apanhadas, eu assino e pronto. Faça um manifesto pedindo todo o poder ao povo e eu assino agora

mesmo. Faça outro manifesto mandando o governo à merda e eu também assino.

— Mas você está de acordo com o teor desses manifestos. Eles revelam alguma coragem, uma consciência social e política.

— Pode ser. São, em geral, protestos contra a prisão de fulano, contra a demissão de sicrano, coisas assim. Não me custa passar por bom moço.

— Mas, Paulo, isso é loucura!

— Que loucura?

— Você não pode se desprezar a esse ponto!

— Pois me desprezo. E, além de me desprezar, tenho outros compromissos que você, na certa, considerará desprezíveis. Sustentar minha filha, por exemplo. Encarar a velhice de meus pais, outro exemplo. Sabe, o velho ainda tem medo do nazismo.

Sílvio me olha, varado:

— Lembro-me dele. Tinha pavor de uma nova perseguição aos judeus. Vocês viraram Simões por causa do nazismo, concorda? Acha que ninguém conhece isso, mas seus amigos mais antigos sabem que você é filho de um judeu que de noite tranca as portas com ferrolho duplo, de medo de que alguém vá levá-lo para Treblinka. — Toma fôlego, volta a atacar: — Se você não aproveita a oportunidade que lhe damos, em breve a hipótese de uma Treblinka geral, para todos, será realidade. O nome muda, é evidente, de Treblinka passará para Olaria, há internada para presos políticos lá.

Vera abre a boca — os dois lábios quase não se movem:

— O senhor é circuncidado?

Odeio aquela pergunta, principalmente quando feita nesses termos. Respondo com brutalidade:

— Não. Quer ver?

— Obrigada. Acredito em sua palavra.

Volto-me para Sílvio:

— Não sou judeu, Sílvio. Meu pai é bastante diluído e totalmente assimilado. Nunca me preocupei com isso. E

sendo ou não sendo judeu, o problema não muda: não aceito a sua conversa. Faz de conta que não ouvi nada, que você não veio aqui. É o máximo que lhe posso propor.

Vera levanta-se. Não a tinha visto de pé, quando eu chegara ela estava sentada. É magra, mas parece, de alguma forma, cheinha de carne bem localizada. A cintura é fina, o cinto surrado que divide a saia da blusa parece um anel. As pernas são fortes, musculosas. O todo é maltratado, a saia, a blusa, tudo parece amarrotado, quase sujo. Dentro de tudo aquilo há um orgulho que a faz vibrar como um peixe surpreendido na rede.

— Vamos embora, Sílvio. Foi um erro ter vindo aqui. Bem que nós o aconselhamos a evitar o perigo.

É a minha vez de me indignar:

— Que perigo?

Sílvio vem em ajuda de Vera. Parece derrotado:

— Ela tem razão, Paulo. Foi um erro. Afinal, por minha conta e risco, expus a causa a um perigo. Sei que nada tenho a temer, mas para aqueles que não o conhecem, para aqueles que consideram você um cretino a mais, o risco houve, há o perigo, Vera tem razão.

— Pode dizer a ela que...

— Diga você mesmo.

Viro-me para Vera:

— Eu só não boto vocês pela porta fora porque estou com preguiça. Caí numa cilada. Se há receio de alguma coisa, o receio é meu, agora.

Sílvio diz qualquer coisa ao ouvido da moça e estende-me um pedaço de papel:

— Antes que a conversa fique de todo desagradável, nós vamos embora. A semente está lançada. Aqui está um endereço e um telefone. A partir das quatro horas de hoje estarei sempre neste telefone e neste endereço, até o fim.

— Que fim?

— A vitória ou a derrota.

— O negócio é assim para já?

---

Para já, mesmo. Dentro de três ou quatro semanas teremos passado pelo gargalo. Ou estaremos mortos, exilados, ou... você imagina a alternativa.

Recebo o papel. As letras são impessoais, desenhadas para impedir qualquer identificação. O endereço é estranho, uma rua da qual nunca ouvira falar.

— Onde é isso?

— Longe, lá para os subúrbios. Não precisa se preocupar, basta telefonar e dizer que está pronto. Nós nos encarregamos do resto.

Vera, de repente, avança para o papel. Quase consegue tomar-me o pequenino cartão, mas resolvo enfrentá-la. Seguro-o firmemente e suporto o seu ódio. Ela esbraveja:

— Você fez nova besteira, Sílvio! Esse camarada pode facilitar!

— Acho que é hora de vocês irem embora.

Encaro-os com raiva e eles percebem isso.

— Bem — diz Sílvio —, você usa de seu direito, bota a gente para fora de sua casa. Não importa. Faz parte da luta. Guarde o endereço. Se puder ou quiser, destrua-o. Dei-lhe todas as oportunidades. O resto é com você.

Vera está lá fora, apertando o botão do elevador. Tem uma bolsa de couro a tiracolo, vista de longe parece mais moça, quase adolescente. Sílvio embarça-se para achar a porta.

— Bem, Paulo, fiz o que pude. Desculpe o mau jeito. Mas creia, estou enterrado até o pescoço. Dando ou não dando certo, há uma oportunidade, certamente a última para nossa geração. Estou em suas mãos. E também nas mãos de muita gente. Você terá notícias, de qualquer forma.

Acompanho-o até a porta. Estou, sem querer, enraivecido e comovido. Sei que Sílvio me estima. Confia em mim de forma até inesperada. Se eu estivesse metido num brinquedo assim, dificilmente confiaria em alguém. Vejo-o aproximar-se de Vera. Parece que o evita, sei que ela o despreza, talvez o odeie. Isso me dá pena dele. Chamo-o:

— Sílvio!

Ele se volta, dá alguns passos em minha direção.

---

— Olha, apesar de tudo, obrigado.

Há confusão da parte dele. Abaixa a cabeça, procura assunto neutro que facilite a despedida amigável, como nós merecíamos:

— Está escrevendo novo livro?

— Não. Ainda não. Para a semana começo a pensar num assunto.

Vera comprime com raiva o botão do elevador, alguém deixara a porta aberta em algum dos andares. A despedida, ali na porta, é embaraçosa para todos. Ele pergunta baixinho, numa confidência:

— Tem visto Laura?

— Não.

— Ela casou outra vez?

— Casou. Foi muito digna, escreveu-me uma carta renunciando à pensão que eu lhe pagava.

— Conhece o marido?

— Não.

— Eu os vi, um dia, na cidade. Ele é mais moço do que ela. Laura ainda está um pedaço.

O elevador, afinal.

— Pense no assunto, Paulo.

— Não adianta, Sílvio.

Somem dentro do elevador, tenho tempo de dizer baixinho, para não ser ouvido:

— Vão para o inferno!

Fecho a porta e examino o que ficou atrás da conversa. Olho, num relance, quarenta anos de vida. Estou só, é manhã ainda, consulto o relógio, pouco mais de dez e meia. O dia custará a passar e já começa mal. O melhor é esquecer o que houve. O papel que Sílvio me deu está em meu bolso. Caminho para o gabinete, rasgo-o em dois, depois em quatro pedaços. O cinzeiro do gabinete tem pontas de cigarro, a moça fumara, e fumara muito. Despejo as cinzas e as pontas na cesta de papéis, recoloco o cinzeiro em seu lugar habitual. Tenho entre os dedos o cartão de Sílvio, rasgado já. Jogo os

---

pedaços na cesta, vejo que se misturam com as cinzas e pontas de cigarro que caíram por cima de papéis amarrotados.

O ar-refrigerado ronca, monótono, o gabinete está frio. Tenho de me apressar. Para visitar Ana Maria, será melhor apanhá-la antes do almoço, desligo o ar-refrigerado, vou ao quarto, tiro as calças. Devia ter recebido os dois de short mesmo. Olho pela janela para ver como está o tempo. Dia abafado, mas não há sol.

Escolho o terno claro, talvez decida ir a algum lugar e quero estar trajado de acordo. Talvez jante em algum canto por aí, e não voltarei mais a este apartamento. Só à noite, quando o dia e os quarenta anos tiverem terminado.

Pretendo ficar longe de tudo, de tudo o que é o meu presente: esta solidão, este nenhum futuro, a conversa com Sílvio. Principalmente isso: a conversa com Sílvio. RESOLVER O CASO DE SÍLVIO. O caso agora é meu — nisso concordamos, Sílvio e eu. Mas o meu caso foi resolvido e despejado na cesta de papéis.

Estou pronto, finalmente. Verifico se tudo está em ordem, como se fosse viajar, passar dias fora daqui. Ou não voltar nunca. São onze horas e são quarenta anos quando fecho a porta e entro no mundo.